

Teoria da comunicação o Vínculo Absoluto

MD Magno

Texto retirado da fala do autor em 29 setembro,
na série de seus *SóPapos* 2018.

A comunicação é impossível – A psicanálise é uma teoria da comunicação, e uma teoria plena da comunicação só pode ser psicanalítica – A comunicação possível é de última instância: o Vínculo Absoluto entre as IdioFormações – Ódio também comunica – O Haver não pode não ser uma IdioFormação – No século XXI, o que emergiu é: Vinculação Absoluta e desvinculação relativa – As IdioFormações se definem por sua capacidade de reviramento: estar nessa situação nos vincula absolutamente a todos – O Quarto Império, ao se instalar, tem a vocação do que chamamos de *Cura*.

- Aristides Alonso – *É preciso enfatizar a virada que há na psicanálise quanto à Comunicação. Lacan era categórico ao dizer que a psicanálise não era um sistema, uma teoria da comunicação. Por outro lado, a partir d’A Natureza do Vínculo (1993), Magno dirá que a psicanálise é uma teoria da comunicação, e que uma teoria plena da comunicação seria necessariamente psicanalítica. Isto muda o vetor de entendimento da ideia de comunicação em psicanálise. Lacan estava numa briga com a ideia de sua época. Estruturalistas como Lévi-*

Strauss, Jakobson, e mesmo os ciberneticistas, tentavam criar uma ciência que fizesse uma espécie de tábula rasa do sistema das relações simbólicas. Ciência esta que seria a teoria da comunicação. Lévi-Strauss, no início, até pensou nisto como uma Entropologia, que, mais que antropologia, colocaria a entropia no meio do sistema. Para Lacan, então, a psicanálise não pode ser aquela comunicação, dado que termos como Inconsciente e Pulsão não cabem no modelo linguístico de Saussure, na cibernética de Wiener, e tampouco na antropologia de Lévi-Strauss. Eles acreditavam em significado. Este era um conceito para Saussure. Lacan concorda com a ideia de estrutura, mas queria uma estrutura que não fosse, digamos, tão filosoficamente fechada, que fosse subvertida pelo Inconsciente e pela Pulsão. Por isso, ele interfere nas noções de signo, de discurso, de alteridade, de sujeito, de consenso... O significado estaria no infinito da série dos significantes. Esta jamais se fecharia. Portanto, pensar uma teoria plena da comunicação, é pensar pelo vetor da pulsionalidade.

Lacan estava brigando com aquela gente. Não é o mesmo sentido que podemos ter hoje. Comunicação é impossível. O Inconsciente é resvalante, não se tem comunicação plena com ninguém, mas dá para dar uma gozadinha no meio de campo. Repito que minha intuição mais genérica quanto a todo tipo de comunicação – por exemplo, o *tesão* – está no desenho que apresentei n’*O Pato Lógico* (1979): ex-citação (citação de fora)

→ in-citação (citação de dentro) → re-citação. Não lidamos com pessoas ou sujeito, e sim com formações. Ao olhar para alguém, não vemos a pessoa. Vemos lá alguns troços que ressaltam para nós, que são escolhidos por nosso olhar. Por isso, frequentemente quebramos a cara em relação aos outros. Há, de um lado e de outro, uma pletora de formações. Desse amontoado, algumas formações se encontram por estarem, digamos, vinculáveis. Vamos pelo sexo que fica mais claro: diante de alguém, ficamos com tesão porque nosso tesão está lá, esse alguém porta formações de nosso tesão. Isto é comunicação – que é impossível, pois, se chegarmos mais perto, as outras formações não se darão necessariamente bem. Algumas formações batem, mas o ideal da histórica – que é aquela que faz as teorias da comunicação – é que *todas* batam, que se encontrem e sejam felizes para sempre. Por isso, ao contrário, a psicanálise é *a* teoria da comunicação. Ou seja, não funciona. É a prova de que a única comunicação possível só pode ser de última instância. Trata-se do que coloquei como **Vínculo Absoluto** naquele Seminário de 1993 mencionado na pergunta. As demais comunicações são parciais, jamais funcionarão plenamente.

Mesmo para organizar um grupo de estudos como este nosso aqui, é preciso apresentar formações que o outro possa incluir. E não há como impedir que isso vire patota, que fique meio preso. Ou seja, alguém só pode juntar pessoas a seu redor se as pessoas já tiverem formações coincidentes e se continuarem a

produzir mais. Se não, não dá para conversar. O mundo está a zorra que está porque as formações imperativas começaram a desabar. Antes, tivessem ou não aquelas formações, as pessoas acreditavam, obedeciam. Havia um conjunto de formações que parecia ser de todos, mas isso vem desabando sobretudo pela dissolução trazida pela tecnologia, que desfaz as noções anteriores de tempo, espaço e outras. As pessoas passam a não conseguir um mínimo de transa para fora de seu vício. Surgem, então, polarizações de todo tipo. É o que, em nossos termos, chamamos de Revirão. Não há mais, no meio, nuances, e sim isto e seu oposto, aquilo e seu oposto... Ou seja, o Inconsciente está provando quem ele, Inconsciente, é. Isto, inclusive politicamente em todo o mundo.

Como sabem, digo que haverá um processo muito longo de conflitos e, lá adiante, quando todos nós aqui estivermos mortos, será resolvido. É importante a psicanálise, pelo menos por esta nossa via, afirmar que há vinculação absoluta. No Haver, onde quer que haja formações de nosso tipo – *i. e.*, que são IdioFormações –, seja qual for seu nível de crescimento, elas terão Vínculo Absoluto com Isso que Há. Por exemplo, no nível do Direito, ver-se-á que há um limite de alguém discordar de outro, pois, em última instância, esse alguém é o outro. Ou seja: **Eu sou Você**. Basta ir limpando as formações – primárias, secundárias, etc. – que estão me definindo para ver que, em nossa transa, não sei se sou eu ou se sou você. Fico em dúvida extrema.

Notem que minha frase é “Eu sou Você”, e não *je est un autre*, em que Lacan deitou e rolou por querer uma concepção de alteridade total. Não penso em termos de Outro, e sim em termos de **Mesmo**. Quando temos a mínima simpatia com alguém, estamos no Mesmo. Quero ver termos simpatia com aqueles a quem temos horror (que é, aliás, o sonho do cristianismo, por exemplo). É algo dentro do estatuto da diferença, isto é, do negativo da comunicação. Mas é comunicação, pois como ter ódio pelo outro sem nos comunicarmos? Temos que ter formações tão opostas, tão reconhecíveis, que sejam comunicativas. Ódio também comunica. O erro do cristianismo é fingir que uma metade inteira não existe. Achar que só há o amor já resultou em muito horror, em assassinatos generalizados. O recalcado, a toda hora, retorna e queremos matar até aqueles de quem gostamos. Eles nos importunam só por termos que gostar deles. Para a psicanálise, isto não cabe de modo algum. Para ela, trata-se do máximo de realidade e de visão. Uma cabeça analítica entenderia que “eu te odeio”, mas “temos que conviver”. De repente, te amo, então...

O que é Vínculo Absoluto? É de última instância, é ser uma IdioFormação. Acabemos, pois, com a história de sermos humanos. Fora daqui, a compleição primária pode ser outra, não de carne. Se há IdioFormação, estou vinculado. Então, se em última instância tenho vínculo com cada um, e como este Vínculo não pode ser apagado, tenho que sagrá-lo. É a Sagração do

Vínculo Absoluto, e não da Primavera como em Stravinsky. É vinculação das IdioFormações, repito, que estão necessariamente vinculadas porque reviram. E se nos reportarmos a essa Vinculação, talvez as outras sejam acalmadas. Não acabaremos com o ódio, mas poderemos acabar com a guerra. Não acabaremos com o amor, mas poderemos acabar com a bobice amorosa burguesa. Observem também que é possível uma vinculação desse tipo (não com as formações do Haver, mas) com o Haver como ideia de Haver. As formações do Haver são fragmentadas, e aí temos times, torcidas, partidos... Não se trata disso, e sim de que estou vinculado a qualquer IdioFormação, inclusive com o Haver enquanto IdioFormação. O Haver não pode não ser uma IdioFormação. Tudo que está sendo dito aqui corre na contramão do século XX. Nele, fez-se muita porcaria, a qual porcaria não se segura mais, pois tudo desabou. Pior, desabou tudo que veio desde o começo até o século XX. Isto, devido à situação de emergência imediata da IdioFormação. A IdioFormação está emergindo enquanto tal. Teremos séculos talvez até chegarmos a um acordo, pois o que emergiu é Vinculação Absoluta e desvinculação relativa.

- P – *É uma emergência de fragmentação?*

Sim, pois ainda não se entende a Vinculação. O mundo ainda não se deu conta da emergência da IdioFormação enquanto tal. Então, ao olhar, não se vê a Vinculação Absoluta, mas apenas a relativa. Nesta, é impossível concordar com qualquer um, e só

se concorda se combinarmos ir em tal direção. Mas sempre com o risco de fuga para trás, para o time, para o partido, todos se agarrando em algo que não segura mais nada. A zorra está apenas começando, ficará muito pior.

• P – *Você acha que essa fragmentação faz parte do Creodo, do caminho necessário para o Quarto Império?*

Sim. Quando terminou a vinculação postiça do Terceiro Império, a situação explodiu. Como a IdioFormação é também fragmentada, trata-se de pensar sobre a invenção de uma civilização que sabe que a única vinculação é a Absoluta e que há que fazer um concerto de sobrevivência com as vinculações relativas. Isto, sem partidos e clubes definitivos. Estes servem apenas para a brincadeira, que, ao acabar, acabam também. Esta Pessoa está para nascer, demorará alguns séculos. Será alguém que funciona *ad hoc*, com abertura total. Por isso, disse que, desde o começo até o século XX, tudo isso foi abortado. Não adianta recorrer a filósofos, por exemplo, pois apenas têm serventia como elementos de descoberta e produção. Não posso ser aristotélico, lacaniano, freudiano... Posso apenas ir a eles e tomar algo que funcione. Acabou o partido. Há que construir um psiquismo de – como diz Nietzsche – *dança* absoluta com as formações, de aplicação imediata e *ad hoc*. As formações de permanência têm que acabar. O *ficar*, comum na geração de hoje, era impossível em meu tempo de jovem. Fica-se um pouco, e acabou.

O Vínculo Absoluto é concreto, reconhecível nos outros. Eu não sou um ser falante, sou um ser revirante. As IdioFormações se definem por sua capacidade de reviramento, e estar nessa situação nos vincula absolutamente a todos. Alguém que achamos bandido, nojento, ele é nosso colega. O Quarto Império passará por um monte de lições para as pessoas terem um olhar indiferente: ao olharem para outro, estarão *se vendo*. Quando isso se organizar lá, surgirá algo de que não temos como fazer ideia hoje.

- P – *É um panteísmo que não acontece hoje?*

Não, mas é uma vinculação com Pã. Por isso, falei em *Pânico Positivo*.

- P – *Diz você em A Natureza do Vínculo ([1993], p. 113): “Algum dia, falo sobre o pânico positivo, que é assumir a posição, entrar no fluxo de Pã. Por que, diante de uma situação pânica, devo sempre ser covarde? Por que não posso ser eufórico? A situação efetivamente é pânica, não há a menor dúvida, mas por que, diante dela, não posso apostar na crise? Por que se tem que apostar no cagaço?// Por que não posso apostar na Cura? Se não se apostar na cura, não se conseguirá levar uma análise, que o seja, adiante. Se alguém efetivamente conseguiu entrar em análise, chega certo momento em que parece que está doidinho, piradinho. Aí, você não aposta na crise do cara. Você vai regredir: ele vai ficar imbecil. Apostar na cura passa por essa maluquice”.*

Para nós, ao contrário do século XX, existe a cura. Não a conseguimos, por sermos imbecis e fracotes. A cura é isso. O Quarto Império está caminhando para a cura (quanto ao que acontecerá depois, no Quinto, não faço ideia). Ao se instalar, ele tem a vocação disso que chamamos de cura hoje. Portanto, a psicanálise será inútil, não precisaremos mais dela. O processo da psicanálise já foi definido de maneiras as mais abstrusas. A ponto mesmo de ser um “reforço de ego” nos Estados Unidos, o que é uma imbecilidade descomunal. Não se precisa dela para fazer reforço de ego, basta trabalhar na televisão que o ego fica inflado. Nossa versão de *cura* é o contrário. Quanto mais se disponibiliza, quanto mais se torna abstrato, nefelibato, aí é que se vira alguém de sua espécie. Ainda não somos mais parecidos com nossa espécie, e sim mais com macacos. Não se trata, então, de ficarmos presos a ideias de que Deus morreu ou coisas do tipo. Já está claro que Deus não pode morrer, justo por ter sido nomeado imortal. Em algum lugar, temos a possibilidade de situar esse conceito. Espinosa disse que Deus é Natureza, pois esta, para ele, era algo abstrato. Como não o é para mim – natureza é cacoete –, digo: “O Haver é Deus”. Ou seja, o Haver funciona, tem seu próprio movimento e nos carrega. É preciso sempre ter em mente que Ele está pouco se lixando para nós. Basta entender que, num nível, Ele está desenhado secundariamente, é uma formação como outra, e, num nível de alta estirpe, é o que Há. E mais, por que é possível designar essa deidade? Porque estou

absolutamente submetido a ela. Já lhes disse (em 1996) que a *hipótese Deus* é inarredável. Não há liberdade, ela é uma asneira. Algumas formações minhas podem estar libertas de algumas formações de um dominador outro, mas caímos dentro de um percurso, somos um fantoche. É um esforço danado buscar ser mais abstrato, buscar deixar de ser macaco. É preciso muita análise. Antes da emergência solta da IdioFormação, teremos uma constelação de conflitos. Atualmente, o pessoal ainda pensa que está lutando por alguma causa. Por isso, a porradaria será longa até entenderem que não sabem por que estão brigando. E mais, repito que não estou dizendo que o Quarto Império será algum paraíso. Ele apenas será completamente diferente do que temos agora. Pode ser um inferno. O importante é saber que nada do que foi feito antes se segura mais. Nada mesmo.

• P – *A situação estaria assim em função de a linguagem se deixar prender demais ao verbo Ser?*

Não tem importância usarmos o verbo Ser. Já lhes disse que o Ser é o que se diz sobre o Haver. As filosofias não têm Haver, só Ser. Tentam abstrair o Ser, o Ser do Ser, sem conseguir, é claro. Por exemplo, desta caneca à minha frente aqui, dela, enquanto havente, não tenho como considerar Ser algum.

• P – *Em seu Seminário de 2003, Ars Gaudendi, p. 330, você comenta sobre as crianças – sobre mim, então, que, na época, estava com sete anos – algo que não sei se entendi bem: “As crianças ficam na Internet colhendo narrativas para se preparar*

para algo e fazendo mitologias para se aguentar. Como essas mitologias são explosivas no mundo, precisavam se dar conta de que seu referencial (delas, crianças) não é a narrativa, e sim o modo de articular a narrativa. É isto que é difícil passar para elas, que sempre acreditam, como acreditamos quanto a nós, que é a narrativa que as articula”. Não acompanho isso de fazer mitologias para se aguentar.

É o que digo hoje das pessoas. Não usei a palavra mito, mas falei em time, em partido... Lacan tem um texto intitulado *O mito individual do neurótico* (1953), em que está claro que se trata de mitologia quando nos referimos à nossa história pregressa. Parece que estamos no Olimpo, damos uma importância tal àquilo, sofremos tanto, os deuses não nos largam... É um sufoco imenso, são verdadeiras fábulas de Esopo a que ficamos presos. No entanto, é uma historinha risível. Se fazemos análise, olhamos para aquilo e achamos que é de outro, pois aquilo *não pode* ser nosso. Enquanto estamos dentro dessa mitologia, ela é a nossa verdade. Ou seja, tomamos alguns paradigmas localizados e acreditamos que realmente são nossos. No cristianismo, temos algo inteligente quando alguém diz a Jesus: “‘Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo’. ‘Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?’”, perguntou ele” (Mateus 12, 47-8). Vejam que ele não sabe, que se perdeu deles.

Vocês estão aí com exemplares do *Lance de Dados* (1897), de Mallarmé, sobre o qual falávamos outro dia. É um texto que

fechou o século XIX, e não abriu o século XX. Mas abriu, sim, o século XXI. Notem que aquele que escreve um poema teve que pensar cada caquinho, nós leitores é que nos enganamos com o efeito geral. Depois que faz a frase, ele mesmo fica estupefato. Não se pode fazer o poema com a emoção, pois vira títica. O poeta sabe descrever a emoção, e não apenas colocá-la no papel.

• P – *Olavo Bilac tem um poema sobre isso, A um poeta:*

*Longe do estéril turbilhão da rua, / Beditino, escreve! No
aconchego / Do claustro, na paciência e no sossego, / Trabalha,
e teima, e lima, e sofre, e sua! // Mas que na forma se disfarce o
emprego / Do esforço; e a trama viva se construa / De tal modo,
que a imagem fique nua, / Rica mas sóbria, como um templo
grego. // Não se mostre na fábrica o suplício / Do mestre. E,
natural, o efeito agrade, / Sem lembrar os andaimes do edifício. //
Porque a beleza, gêmea da Verdade, / Arte pura, inimiga do
artifício, / É a força e a graça na simplicidade.*

Bilac é um grande poeta. Os modernistas o arrasaram, pois o parnasianismo tinha se tornado poesia oficial e tinham que combatê-la. É o que falei sobre o time de futebol, indiscriminadamente dá-se porrada no outro time. Tentem fazer um poema parnasiano e verão como é difícil. Para mim, o soneto é a forma perfeita. É igual à sonata, na música. O peso do soneto está no último terceto. Basta ler Shakespeare, Camões... Do ponto de vista do Quarto Império, não se tem o direito, e nem se deve, esculhambar com nada do que já feito. Há bastante coisa boa, tudo

na dependência dos caminhos disponíveis e que foram bem percorridos por muitos que lá estavam. Para elogiar minha teoria, tenho que esculhambar com a de Lacan? Ela é genial no século XX, mas sou outra pessoa, em outra época, tentando falar com boca própria. São apenas caminhos diferentes. O modelo do século XX de esculhambar com o outro já perdeu a graça, não faz mais sentido. Mesmo quando o caminho do outro tiver sido ruim, ele poderá nos ensinar algo.